

As relações entre poder e memória na *Urbs*: um estudo das colunas honoríficas republicanas e das colunas rostrais de Otávio a partir das moedas

The relations between power and memory in the 'Urbs': a study of Republican honorific columns and Octavian's 'columnae rostratae' based on coins

Thiago Eustáquio Araújo Mota*

Resumo: Buscamos, neste artigo, rastrear o motivo iconográfico das colunas honoríficas em um *corpus* monetário que vai do século II AEC, abarcando desde os denários que trazem representações da *Columna Minucia* (RRC, 242/1; 243/1), até o denário de Augusto com a representação de uma *Columna Rostrata* (RIC, *Augustus*, 271). A partir do conceito de memória triunfal (Hölscher, 2006), buscamos compreender como estes monumentos, independentes ou interligados a complexos construtivos, serviram como base elevada de estátuas para indivíduos que foram homenageados em vida ou postumamente.

Abstract: In this article, we explore the iconographic motif of honorific columns within a monetary corpus that extends from the 2nd century BCE, comprising the coins portraying the *Columna Minucia* (RRC, 242/1; 243/1), to the Augustan denarius depicting a *Columna Rostrata* on reverse (RIC, *Augustus*, 271). Building on the concept of triumphal memory (Hölscher, 2006), we aim to understand how these monuments, whether standing alone or integrated into larger architectural complexes, served as elevated bases for statues commemorating individuals, either during their lifetimes or posthumously.

Palavras-chave:
memória triunfal;
colunas honoríficas;
colunas rostrais;
Augusto;
moedas.

Keywords:
triumphal memory;
honorific columns;
columnae rostratae;
Augustus;
coins.

Recebido em: 19/11/2024
Aprovado em: 21/02/2025

* Professor adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás, com PDSE na British School at Rome. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Épica na Antiguidade (UPE) e pesquisador do Leir/UFG.

Introdução

Todos os anos, vários turistas se aglomeram em torno da célebre Coluna de Trajano, ansiosos por registrar com o zoom ótico da câmera alguma imagem do relevo histórico que segue, em espiral, até o capitel. Todo o fuste da coluna é preenchido com um friso helicoidal que narra em 155 quadros a trajetória das duas Guerras Dácias (102-103 e 105-106 EC). O refinamento estético faz destes relevos uma fonte iconográfica privilegiada para os estudos sobre tática, equipamento e engenharia militar romana e História da Arte.¹ Sabemos a partir da iconografia das moedas que, no lugar da estátua de São Pedro, que hoje ocupa o topo da coluna, erguia-se uma estátua de bronze do imperador Trajano, em garbo militar. O monumento militar serviu ainda de inspiração para a Coluna de Antonino Pio, da qual apenas a base decorada nos chegou, e para a Coluna de Marco Aurélio, localizada nas imediações do Palazzo Chigi.

Em parte, as ruínas dos monumentos citados estão integradas à paisagem urbana da capital italiana e formam parte do roteiro turístico obrigatório àqueles interessados no passado romano. Dentro da tipologia dos monumentos romanos, no entanto, pouco se fala das colunas honoríficas do período republicano, como a Coluna Minúcia e a de Caio Duílio, bem como da Coluna Rostral de Otávio que serviram, muito possivelmente, como modelo para os monumentos do Período Antonino. A quase ausência de vestígios físicos dessas edificações republicanas coloca um desafio para o pesquisador, que deve recorrer a toda sorte de testemunhos literários e iconográficos. Nesse sentido, a documentação monetária é um recurso valioso para o estudo de edificações religiosas e monumentos que foram parcialmente ou completamente perdidos.

Objetos de procedência arqueológica, as moedas agrupam informações técnicas (composição, peso, liga metálica) e internas (tipos monetários, iconografia, legenda) relevantes, cujo valor como fonte de conhecimento histórico aumenta em proporção direta à fidelidade com que é possível averiguar seu contexto de emissão, circulação e achado. Do ponto de vista político-propagandístico, a partir do final século II AEC, as moedas romanas converteram-se em um importante *medium* para a divulgação de espetáculos, anexações militares, edificações religiosas e, sobretudo, monumentos (Flower, 2001, p. 2; Florenzano, 2009, p. 46). Embora seja tentador o uso das moedas como um recurso para a reconstrução da superestrutura e elementos decorativos das edificações romanas, este procedimento deve ser seguido com cuidado, considerando que não se tratam de meras

¹ Os quadros da expedição militar podem ser contemplados, com comodidade, a partir dos moldes em gesso que estão hoje no *Museo della Civiltà Romana*.

fotografias dos monumentos. Os elementos conjugados no campo do reverso partem de escolhas cuidadosas dos magistrados no sentido de evidenciar ou suprimir determinado aspecto dessas edificações.

Buscamos, neste artigo, rastrear o motivo iconográfico das colunas honoríficas em um *corpus* monetário que vai do século II AEC, com os denários que trazem representações da *Columna Minucia* (RRC, 242/1; 243/1), até o denário de Augusto com a representação de uma *Columna Rostrata*. A partir do conceito de memória triunfal (Hölscher, 2006), buscamos compreender como estes monumentos, independentes ou interligados a complexos construtivos, serviram como base elevada de estátuas para indivíduos que foram homenageados em vida ou postumamente. Dentro da tipologia dos monumentos históricos romanos, as colunas do período Antonino não foram criadas *ex nihilo*, mas procedem de uma tradição de colunas monumentais que pode ser rastreada, na documentação monetária, até o período republicano.

Para Tönio Hölscher (2006, p. 27), no texto *The Transformation of Victory into Power: From Event to Structure*, “monumentos políticos são sinais de poder uma vez que estes ‘re-presentam’ entidades políticas, estados, e líderes políticos em um sentido muito literal: fazendo-os ‘presentes’ nos espaços públicos”. Um dos grandes desafios enfrentados pelos líderes da Antiguidade consistiria em transformar eventos que eram limitados no espaço-tempo, como batalhas, anexações, em memória e poder político, compreendido como um “conceito estrutural de longo tempo”. Desta forma, os monumentos, datas comemorativas e festividades inseridas nos calendários cívico-religiosos conferiam materialidade àquilo que era fugaz e, por isso, fadado ao esquecimento.

Tendo em vista a ausência de uma estrutura dinástica, como nas monarquias do Oriente Próximo, ou qualquer coisa semelhante a um poder teocrático instituído, em Roma, o poder político individual deveria ser conquistado e legitimado por meio de vários expedientes. As conquistas militares, em especial contra inimigos externos, eram utilizadas para fins de legitimação contra as reivindicações de grupos políticos adversários e lideranças rivais (Hölscher, 2006, p. 34). Dessa forma, monumentos como arcos triunfais, colunas honoríficas e até mesmo templos erigidos com os espólios capturados dos inimigos presentificavam eventos do passado no espaço público da *urbs*. Contudo, deve-se ter em mente a tão citada passagem de Walter Benjamin (1987, p. 225) do capítulo “O Conceito de História”:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. [...] Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie.

Por mais que o filósofo alemão esteja se referindo ao processo de escrita da história, o trecho não deixa de evocar a iconografia dos triunfos romanos e as cenas de sujeição dos bárbaros presentes em inúmeros monumentos. Geralmente idealizados, muitos destes monumentos foram erigidos às expensas dos espólios capturados dos inimigos (nem sempre estrangeiros) e podem encobrir os processos de violência inerentes às campanhas romanas de conquista. Basta lembrar que a anexação do território gaulês por Caio Júlio César e da Dácia por Trajano resultou em centenas de milhares de mortes, diretas e indiretas, na erradicação de cidades e vilas e na redução de populações inteiras ao cativeiro.

À medida em que os habitantes de Roma foram perdendo sua vivência com as guerras, travadas em lugares cada vez mais distantes, impunha-se a necessidade de transmitir informações sobre as campanhas de conquista que eram retratadas, nestes monumentos, a partir de um repertório imagético estereotipado que propagandeava valores como a *uirtus*, a *fides* e a *pietas* (Holscher, 2006, p. 43). No cenário de competição, a habilidade política do triunfador era medida a partir de sua capacidade de converter o butim de guerra em símbolos permanentes de conquista ou bens de utilidade pública para a população, como templos, pórticos e anfiteatros, o que ampliava sua fama e contribuía para inscrever sua memória no espaço da *Urbs*.

As colunas honoríficas do Período Republicano

De acordo com o arqueólogo italiano Antonio Corso (1988, p. 135), a prática de erigir colunas, como monumentos isolados, não é uma exclusividade romana, pois encontra respaldo na tradição literária e na documentação arqueológica grega. No período arcaico grego, colunas isoladas cumpriam, por vezes, a função de marcadores tumulares, a exemplo do epitáfio gravado na coluna de Xenvares (séc. VI AEC), conservada no Museu Arqueológico de Corfu. Segundo Elizabeth McGowan (1995, p. 616), este tipo de monumento possui uma ampla distribuição geográfica que vai da Ática até Mégara Hyblaia, na Sicília. Como marcador vertical, as colunas fúnebres cumpriam a função simbólica de substituir o morto, cuja psiquê repousava no mundo inferior (McGowan, 1995, p. 616). Semelhante às estelas e outros monumentos erguidos nas necrópoles, este tipo de coluna servia como um marco de memória para os familiares que, sazonalmente, visitavam o morto, portando oferendas e realizando libações. Por sua vez, o costume de erguer colunas votivas é atestado em várias regiões da Grécia. George Herdt (2013, p. 133-162), em sua tese intitulada *Votive Columns in Greek Sanctuaries of the Archaic Period*, defende que estes monumentos isolados funcionaram como suporte

privilegiado de dedicações e, em alguns santuários arcaicos gregos, como é o caso do Heraion de Samos e dos santuários de Afaia e de Apolo em Egina, ganharam dimensões monumentais, mesmo antes dos templos serem construídos em material durável, como o mármore. Nestes santuários, é plausível supor que os monumentos votivos serviam também como marcos de referência para os visitantes e peregrinos, que podiam avistá-los a distância.

Fragmentos de colunas votivas foram, por exemplo, prospectados na área arqueológica de Delfos, um dos principais santuários pan-helênicos, localizado nas montanhas da Fócida. Pertencentes à coleção do Museu Arqueológico de Delfos, a chamada “Esfinge de Naxos”, juntamente com um capitel em estilo jônico, são as reminiscências de uma coluna votiva monumental, de aproximadamente 12 metros de altura, erguida nas imediações do Templo de Apolo. Esta coluna foi dedicada por volta de 560 AEC, em um contexto em que a ilha de Naxos desfrutava de uma posição hegemônica entre as Cíclades (Petsas, 2004, p. 82). Uma inscrição inserida em um dos tambores do fuste da coluna confirmava o privilégio da *promanteia* (prioridade na consulta ao oráculo), concedida aos cidadãos de Naxos (Petsas, 2004, p. 82). Colocado em uma posição de destaque, o objeto votivo em questão cumpria uma função apotropaica, uma vez que a esfinge de pedra pretendia “vigiar” o espaço sagrado do templo.

No âmbito dessa tipologia, cabe mencionar ainda a célebre Coluna das Serpentes, originalmente dedicada no santuário de Delfos, após as Guerras Greco-Persas. A coluna espiralada sustentava uma trípole forjada com o metal das armas capturadas dos persas, após a batalha de Plateia (479 AEC) (Madden, 1992, p. 112; Heródoto, *Historiae*, IX, 81, 01; Pausânias, *Graeciae description*, X, 13, 09). No período da Antiguidade Tardia, o monumento foi retirado de seu contexto votivo e transladado para o Hipódromo de Constantinopla, onde serviu como um dos marcadores da *spina* (Madden, 1992, p. 113).² O fuste espiralado de bronze emula o formato de três serpentes entrelaçadas, cujas cabeças formavam uma espécie de tripé, no topo da coluna. Próximo à base do monumento, o fuste serpentiforme traz uma inscrição que enumera as populações das cidades que formaram a resistência contra o Império Persa (Stephenson, 2016, p. 09-11). Por se tratar de um santuário visitado por indivíduos de várias partes do Mediterrâneo, a coluna dava materialidade à vitória das *póleis* gregas contra um poderoso inimigo externo e, ao mesmo tempo, evocava a nova configuração geopolítica do mundo grego, estruturada em torno de Atenas e Esparta.

Do ponto de vista estrutural, as colunas honoríficas romanas guardam uma relação de proximidade com as colunas votivas gregas, uma vez que aqueles indivíduos,

² Parte central da pista de corrida no Hipódromo, utilizada para delimitar o circuito e marcar a quantidade de voltas.

cumulados de *honor*, ganhavam posição de prestígio no espaço público ao serem projetados acima das demais edificações. Em uma passagem da *História Natural* (XXXIV, 12, 02), Plínio, o Antigo, destaca que “o propósito de posicionar estátuas de homens em colunas era o de elevá-los acima dos outros mortais; este é também o significado transmitido pela nova invenção dos arcos”. Da mesma forma, as colunas que rememoravam vitórias militares, a exemplo das colunas rostrais de Caio Duílio e Otávio, incorporavam à sua feitura as próprias armas capturadas dos inimigos, por sua vez, dedicadas aos deuses protetores da *Urbs*. A tradição romana sobre a prática de erigir colunas honoríficas, arrematadas, em seu topo, por estátuas, está repleta de lacunas e incongruências. No Livro XXXIV da *História Natural*, voltado à investigação sobre os vários tipos de minérios, suas propriedades e artefatos derivados, Plínio, o Antigo, realiza uma compilação histórica destes monumentos em forma de coluna. Segundo o historiador romano, o primeiro cidadão a ser homenageado com este tipo de monumento foi Lúcio Minúcio Augurino, nomeado *praefectus annonae* em 439 AEC (Plin., *Nat.*, XXXIV, 11, 01). Este monumento, no entanto, não rememora qualquer tipo de proeza militar, anexação de territórios ou vitória sobre os inimigos, mas sim a resolução de um ameaçador quadro de carestia e o desbaratamento de um suposto golpe que colocava em risco a *Res Publica* (Tito Lívio, *Ab Urbe Condita Libri*, IV, 13-16).³

A coluna, erigida às expensas do povo, aparece no reverso de dois denários emitidos na segunda metade do séc. II AEC. A moeda em evidência (Figura 1), um denário, batido sob a autoridade de Caio Minúcio Augurino, é datada de 134 AEC (RRC, 242/01). No campo do anverso, desponta a efígie da *Dea Roma*, com elmo, voltada para a direita. Por sua vez, o reverso representa a Coluna Minúcia, localizada fora da Porta Trigêmeina, da antiga Muralha Serviana. A coluna espiralada é decorada com dois sinos no topo e dois leões [grifos] na base. Sobre a coluna, emerge uma estátua togada segurando um bastão. Por trás de cada leão [grifo], há uma espiga de grãos; à esquerda está presente um indivíduo togado segurando pães e apoiando o pé em uma espécie de *modius* (medida de grãos) (RRC, 242/01). Já do lado direito da cena, aparece outra figura togada, com o capuz cobrindo a cabeça (estilo *capite velato*), aparentemente um áugure, segurando um *lituus* (bastão de augúrio). O motivo do reverso é retomado, com algumas modificações, no denário de Tibério Minúcio Augurino (Figura 2), sobretudo no que concerne ao tratamento estético da coluna, que apresenta um capitel simplificado e a ausência das figuras dos leões/grifos na base (RRC, 243/01).

³ Lívio refere-se à estátua de um boi dourado *bos aurata* que, muito provavelmente, era parte do mesmo monumento (Liv., IV, 16).

Figura 1 - Denário. RRC, 242/01. © The Trustees of the British Museum



Fonte: Crawford (1974).

Figura 2 - Denário. RRC, 243/01. © The Trustees of the British Museum



Fonte: Crawford (1974).

Duas possibilidades são aventadas para a identificação das figuras gravadas na base da coluna: poderiam ser estátuas atreladas ao monumento, como sugere Richardson (1992, p. 96), ou representações dos descendentes de Minúcio, como sugerem Michael Crawford (1974, p. 274-276), James Williams (2007, p. 146) e Gisele Ayres Barbosa (2019, p. 85). O portador do *lituus* seria, provavelmente, Minúcio Faeso (um dos primeiros plebeus a ingressar no colégio dos áugures). A considerar a iconografia do reverso do denário de Caio Minúcio, a coluna, aparentemente, repousava sobre um pedestal retangular e o fuste (composto por tambores com faces exteriores convexas), que, por sua vez, era encimado por um capitel eólico do qual pendiam dois sinos (Richardson, 1992, p. 96). O monumento localizava-se em uma área relativamente afastada do centro republicano, erigido por iniciativa popular, próximo à *Statio Anonnae*, nas imediações da atual Igreja de Santa Maria *in Cosmedin*. O edifício era a sede do *Praefectus Anonnae*, magistrado responsável pelo suprimento dos grãos e fiscalização do preço dos cereais nos mercados

(Richardson, 1992, p. 96). A figura de Minúcio, inclusive, confunde-se com a criação deste cargo republicano, de caráter circunstancial.

Cabe lembrar que a maioria dos denários cunhados, a partir do séc. II AEC, trazia o nome do monetário responsável, em alguns casos, acompanhado da legenda IIIIVIR ou IIIIVIR (quando o número foi aumentado para quatro com César), uma vez que os monetários constituíam um colégio menor de magistrados reconhecidos como *triunviri* ou *tresviri monetales*. De acordo com Harriet Flower (2001, p. 80), no livro *Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*, o cargo oferecia um incentivo aos jovens sôfregos de iniciarem a carreira das magistraturas. Essa autora propõe uma relação provável entre a *Lex Gabinia*, que introduziu a cédula de votação secreta, e o recrudescimento da divulgação da memória gentílica, nas moedas republicanas, sobretudo temas históricos e mitológicos relacionados aos ancestrais das *gentes*. Na opinião de Flower, uma vez que os meios de manipulação eleitoral se tornaram mais limitados, as moedas se tornaram um poderoso veículo de divulgação das famílias em disputa (Flower, 2001, p. 80). Tendo em vista os denários de Caio e Tibério Minúcio, Gisele Oliveira Ayres Barbosa (2019, p. 89) destaca que “oriundos de uma família tão piedosa [...] com homens públicos e áugures entre seus ascendentes, buscavam, em função desse *background* familiar, pleitear serem reconhecidos como portadores de semelhantes atributos”. Como indivíduos que almejavam a escalada do *cursus honorum*, as moedas surgem como um expediente eficaz para a divulgação desta memória gentílica à qual a coluna honorífica de Minúcio estava diretamente atrelada.

Retomando a compilação de Plínio, o Antigo, entre os monumentos comemorativos de cunho militar, o historiador cita, nesta mesma passagem do Livro XXXIV, a coluna atribuída a Caio Mênio. Eleito Cônsul para o ano de 338 AEC, Mênio derrotou os confederados latinos na batalha naval de Âncio, uma das vitórias que assinalaram a hegemonia romana sobre o Lácio. O monumento estava localizado a noroeste do Fórum Romano, na região conhecida como *Comitium* (Plin., *Nat.*, XXXIV, 20). Segundo Richardson (1992, p. 95), em *New Topographical Dictionary of Ancient Rome*, é desconhecida qualquer referência a inscrição ou mesmo estátua coroando o monumento. Por outro lado, não se pode concluir do estado lacunar da documentação que a coluna Mênica fosse completamente desprovida destes elementos, o que a colocaria em completa dissonância, frente às demais colunas honoríficas analisadas neste artigo. Cabe lembrar que o Senado concedeu a Caio Mênio e a Lúcio Fúrio Camilo, seu colega de consulado, a cerimônia do triunfo, além de homenageá-los com estátuas equestres erguidas no Fórum, nas palavras de Lívio (VIII, 13), uma honraria “rara naquela época”. Plínio (*Nat.*, XXXIV, 20) não faz qualquer alusão a uma Coluna Rostral, no entanto, destaca

que Mênio fixou na tribuna dos oradores os esporões de bronze (*rostra*) capturados dos navios inimigos. Esta mesma informação aparece na *História Romana*, de Tito Lívio (VIII, 14): “parte das naus dos ancianos foi levada para os arsenais de Roma e parte foi incendiada. Os rostros serviram para ornamentar uma tribuna erguida no Fórum. Esse local consagrado passou a chamar-se Rostros”.

Do alto desta plataforma, os oradores dirigiam-se às multidões reunidas na parte noroeste do Fórum. De acordo com Richardson (1992, p. 95), é provável que a estrutura fosse anterior ao séc. IV AEC e foi apenas ampliada, depois da vitória de Mênio sobre os ancianos, para acomodar os aríetes dos navios capturados. Consequentemente, a partir da incorporação dos espólios navais, a tribuna teria sido designada pelo substantivo neutro plural *rostra*.

Erguida nas imediações da plataforma dos oradores, a coluna dedicada a Caio Mênio abalizava, na topografia do Fórum republicano, a memória desta batalha que favoreceu a consolidação do poder de Roma sobre as cidades do Lácio. Além de um marco honorífico, a coluna passou a cumprir a função de um marcador solar, anunciando a hora final do dia “quando do prédio da cúria avistava-se o sol passar pela coluna em direção ao cárcere” (Richardson, 1992, p. 95). Ademais, no tempo de Marco Túlio Cícero, essa coluna foi utilizada para a exposição dos nomes dos inadimplentes pelos seus credores (Cícero, *Diuinatio in Caecilium*, 50; *Pro Sestio*, 18; Richardson, 1992, p. 95).

Por sua vez, a mais antiga *Columna Rostrata* referenciada pela tradição latina é atribuída a Caio Duílio, célebre comandante militar da Primeira Guerra Púnica, a quem foi imputada a adaptação do dispositivo conhecido como *corvus* às embarcações romanas, mecanismo que supostamente teria conferido alguma vantagem técnica/militar sobre os cartagineses. Segundo a *História Romana*, de Tito Lívio, Duílio foi também o primeiro general romano a celebrar um triunfo naval (Liv., *Ab Urbe Condita Libri*, XVII; Plin., *Nat.*, XXXIV, 20; *CIL*, VI, 08, 03, 40952). Pelo que é possível inferir da documentação epigráfica, este monumento foi erguido nas proximidades da plataforma dos oradores, o que transformou esta porção do Fórum em um repositório de memória triunfal, associado às vitórias navais sobre os inimigos de Roma. O texto epigráfico do *elogium* de Caio Duílio, proveniente das galerias dos “Ilustres Varões”, *Summi Viri*, do Fórum Augustano (02 AE), confirma a informação do triunfo naval além de mencionar a coluna

[...] pri[m]us d[e Poenis n]aval[em trium]/[phum [...] s]tatua c[um] / [columna] pr[o]p[ri]a ream V<o=U>lc[ani p]os[it]a est / [aedem apud foru]m ho[l]itorium ex spoliis lano fecit] (*CIL*, VI, 08, 03, 40952).⁴

⁴ É possível acessar a inscrição na íntegra, a partir da plataforma Epigraphik-Datenbank Clauss/Slaby (EDCS), vinculada à Universidade de Zurich:

Ele foi o primeiro a celebrar um triunfo naval sobre os Cartagineses [...] uma estátua com uma coluna foi erigida perto do recinto de Vulcano. A partir dos espólios, ele dedicou um templo à Jano no Fórum Holitorium.

Cada estátua presente nas galerias dos *Summi Viri*, por regra, era acompanhada do *titulus* que identificava o indivíduo representado e trazia um resumo do *cursus honorum*. Logo abaixo, numa pedra separada, uma inscrição noticiava ao transeunte suas mais notáveis realizações, o chamado *elogium*. Não é de se estranhar a presença de uma estátua de Duílio no Fórum Augustano, uma vez que é possível detectar todo um movimento de Otávio para emular as realizações e honrarias do comandante da Primeira Guerra Púnica. A referência *prope aream Volcani*, no texto do *elogium*, situaria o monumento também no canto noroeste do Fórum romano, perto do altar do deus ferreiro, localizado ao pé do Monte Capitolino (Kondratieff, 2004, p. 09-10; *CIL*, VI, 40952). Eric Kondratieff (2004, p. 09), no artigo *The Column and the Coinage of C. Duilius*, sugere que a coluna de Duílio foi construída de tufo, um material comum nas construções do Período Médio Republicano. Este mesmo historiador ainda supõe que os esporões de bronze, extraídos dos navios capturados em *Mylae* (Milas), em 260 AEC, foram montados em encaixes cortados no fuste da coluna; os *rostra* assim suspensos, provavelmente, eram de trirremes menores, de forma que não pesassem mais do que algumas centenas de quilogramas e comprometessem a integridade e equilíbrio do monumento (Kondratieff, 2004, p. 09). A suposta inscrição acoplada à base da *Columna Rostrata* foi redescoberta no Século XVI e, segundo Richardson (1992), sofreu várias intervenções de restauro. Bastante fragmentado, o texto da dedicatória atualmente pertence à coleção dos Museus Capitolinos.⁵

As colunas rostrais de Otávio

Outro monumento perdido, conhecido por meio das fontes literárias e das moedas, consiste na Coluna Rostral de Otávio, erguida no contexto do Segundo Triunvirato (43-33 AEC). Este monumento foi dedicado a partir de 36 AEC, pelo herdeiro do *Dictator*, Caio Júlio César, para celebrar sua vitória sobre Sexto Pompeu, o último foco de oposição aos Triúnviros. A vitória sobre o filho de Pompeu Magno não foi um empreendimento célere, dessa maneira, Otávio não poupou esforços para comemorá-la por meio de monumentos e, sobretudo, propagandeá-la nas moedas. De acordo com o relato de Apiano (*Bella Civilia*, V, 129-130), por ocasião de seu regresso à capital,

Disponível em: <https://db.edcs.eu/epigr/epi_url.php?s_sprache=en&p_publication=CIL+06,%2040952>. Acesso em: 17 nov. 2024.

⁵ Sobre a inscrição e as intervenções de restauro, conferir o artigo de Eric Kondratieff (2004).

proferiu discursos ao povo reunido no Fórum, que foram recompilados, por escrito, e distribuídos para a população. Construída algum tempo depois, a coluna situava-se entre a plataforma dos oradores, conhecida como *Rostra*, no Fórum romano, e a fonte conhecida como *Lacus Curtius*. Este mesmo monumento foi mencionado por Apiano, no Livro V, 130, das *Guerras Civis*:

Das honrarias apresentadas a ele, ele aceitou uma *ovatio*, que fossem celebradas festividades, todos os anos, nos dias em que havia obtido suas vitórias e que uma estátua de ouro fosse erguida em sua homenagem no fórum, com a indumentária que ele usava quando entrou na cidade, [posta] sobre uma coluna rodeada pelos arietes dos navios capturados. E a estátua foi depositada com a seguinte inscrição: 'A paz, longamente perturbada, ele a restabeleceu em terra e no mar'.

Como fica explícito, no excerto, o monumento se insere no conjunto de honrarias, segundo o historiador grego, quase ilimitadas, que foram votadas pelo Senado, nesta ocasião. De acordo com Jakob Munk Højte (2005, p. 41-42), para o espectador da Antiguidade, base e estátua constituíam uma unidade inseparável. Como outras inscrições, parafraseadas pelos autores do período, esta inscrição só foi recordada por Apiano devido ao tamanho, aos custos excepcionais implicados em sua construção, bem como ao conteúdo incomum ou à notável resiliência do monumento (Højte, 2005, p. 41-42). Sabemos que apenas o *rostrum* correspondia a um terço ou metade do valor de um navio de guerra, aumentando em relação ao porte (birreme, trirreme); em algumas situações era custeado, separadamente, por ocasião dos esforços de guerra.

Figura 3 - Denário. RIC (second edition) 271. © The Trustees of the British Museum



Fonte: Sutherland (1984).

A representação de uma coluna rostral aparece no reverso de um denário batido por Otávio, entre os anos 29 e 27 AEC (Figura 3). O anverso da moeda traz a efígie laureada de Apolo (RIC, *Augustus*, 271), que também é interpretada como a efígie laureada de

Otávio, voltada para a direita (BMC, 633).⁶ Por sua vez, o reverso traz a imagem de uma coluna rostral, encimada por uma estátua, com manto (*paludamentum*), segurando uma lança, na mão direita, e um *parazonium*, na mão esquerda.⁷ O monumento é atravessado, horizontalmente, pela legenda IMP CAESAR, “César [aclamado] imperador”. Segundo Stuhlerland (1984, p. 60), no catálogo *Roman Imperial Coinage*, o local de emissão da moeda é incerto, já o catálogo do BMC, organizado por Harold Mattingly (1923, p. 103), sugere Roma ou *Brundisium* como prováveis casas de cunhagem. Se for possível inferir, a partir da representação no reverso do denário, é provável que o fuste da coluna tenha sido revestido com os aríetes e âncoras que foram desmantelados das embarcações de guerra capturadas dos inimigos. Exceto pelo manto, a figura antropomórfica e em nudez heroica, posicionada sobre a coluna, guarda pouca correspondência com a estátua dourada de Otávio, em paramento militar, mencionada no relato de Apiano.

Qual seria o sentido de divulgar, em moedas batidas seis, nove anos depois, o monumento associado à vitória, obtida em Nauloco, sobre Sexto Pompeu? Parte da historiografia discerne na documentação literária não somente uma coluna rostral, mas outras quatro associadas a Otávio e ao lugar-tenente e futuro genro, Marcos Vipsânio Agripa (Richardson, 1992, 96-97; Palombi, 1993, p. 322-326; Tan, 2019, p. 196). Em uma célebre passagem do Terceiro Livro das *Geórgicas*, por meio do dispositivo da éfrase, Virgílio descreve as cenas históricas gravadas na porta de um templo, idealizado, que seria ofertado a Otávio nas margens do Múncio, na Gália Cisalpina, rio que passava nas proximidades de sua cidade natal, Mântua:

*[in foribus pugnam ex auro solidoque elephanto Gangaridum faciam uictorisque
arma Quirini, atque hic undantem bello magnumque fluentem Nilum ac nauali
surgentis aere columnas]*
(Virgílio, *Georgica*, III, 26-29)

[De ouro e marfim nas portas hei-de a pugna
Talhar Gangárida e Quirino ovante;
Amplio-undoso fervendo em guerra o Nilo;
Do naval bronze as triunfais colunas]
(Trad. Manuel Odorico Mendes)

“O Nilo amplo-undoso fervendo em guerra” é uma clara alusão à investida militar de Marco Antônio e Cleópatra, que culminou na batalha do Ácio, de 31 AEC, e na anexação

⁶ Durante o Segundo Encontro Internacional de Numismática da USP (Abri/2024), o pesquisador e arqueólogo Vagner Carvalheiro Porto sugeriu que este tipo de ambiguidade sutil é proposital e, inclusive, almejado pela imagética do período augustano.

⁷ Respectivamente: *paludamentum* é um manto militar, preso por uma fíbula no ombro. Um traje típico do alto oficialato romano. Por sua vez, o *parazonium* era um tipo de adaga de formato triangular, que os soldados prendiam a um cinturão (Glare, 1968, p. 1287; 1294).

do Egito, transformado em província. O verso seguinte, "do naval bronze as triunfais colunas", remete aos monumentos, *columnae*, fabricadas a partir do bronze, *aereus*, extraído dos navios. Entre os versos 26 e 39 tem lugar a descrição da vitória romana sobre os povos que vieram ao apoio de Antônio e Cleópatra e uma exaltação às origens troianas dos *Iulii-Caesares*.

Sérvio Honorato (séc. IV EC), ao comentar o excerto em questão, relaciona as colunas da éfrase virgiliana a um monumento ainda visível na Roma Tardo Imperial. De acordo com Domenico Palombi (1993, p. 324), considerando a vivacidade dos detalhes fornecidos por Sérvio a respeito das *colunas rostrais*, aliada à expressão *hodieque conspicimus*, "e hoje vemos" ou "e ainda hoje vemos", dificilmente estas informações podem se referir a um monumento imaginado.

columnas dicit quae in honore Augusti et Agrippae rostratae constitutae sunt. Augustus victor totius Aegypti, quam Caesar pro parte superaverat, multa de navali certamine sustulit rostra, quibus conflatis quattuor effecit columnas, quae postea a Domitiano in Capitolio sunt locatae, quas hodieque conspicimus (Sérvio, in *Vergilii carmina comentarii*, *Georgica*, III, 26-29).

Ele menciona as colunas rostrais que foram erguidas em honra de Augusto e Agripa. Augusto, vitorioso sobre todo o Egito, que César já havia, em parte, subjugado, da contenda naval retirou vários rostros, com os quais erigiu quatro colunas que posteriormente foram colocadas no Capitólio por Domiciano, e que ainda hoje podemos ver [tradução nossa].

O escólio traz a informação de que as colunas rostrais foram deslocadas durante o governo de Domiciano para o Capitolino. A localização original dessas quatro colunas, no entanto, é desconhecida. Para Richardson (1992, 97), é plausível supor que tenham sido erguidas no santuário de Apolo no Palatino, visto que a passagem na qual Virgílio menciona tais colunas teria como inspiração o templo de Apolo.

Há de se levar em consideração todo o contexto de investimento iconográfico, poético e monumental associado ao triunfo no Ácio e à remodelação do Fórum romano sob a influência de Otávio.⁸ Percebemos aqui não uma supressão ou silenciamento da memória de Nauloco (controversa, por si só, pois celebra uma vitória obtida sobre cidadãos romanos), mas os meandros de um processo de sobreposição, a partir do transbordamento de imagens, monumentos e atos comemorativos pertinentes à vitória sobre o Egito. Neste sentido, é possível citar a fundação de Nicópolis (Cidade de Vitória) com o *Tropaeum* construído a partir do bronze capturado dos navios egípcios. Esta

⁸ Conferir a proposta de reconstrução digital do Fórum, com as Colunas Rostrais, do Projeto *Digitales Forum Romanum*, pela Humboldt Universität zu Berlin. Disponível em <<https://www.projekte.hu-berlin.de/de/digitales-forum-romanum/phasen/augusteisch-ii/columnae-rostratae-augusti/columnae-rostratae-augusti-bilder>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

cidade monumento, estudada por Macsuelber Cássio Barros da Cunha (2020, p. 80-107), em sua tese de doutorado, foi construída sobre as ruínas do acampamento de Otávio e Agripa no Ácio. Parte do espólio naval do Ácio foi também utilizada para a ornamentação da *Rostra Augusti*, outra plataforma para oradores, construída de frente para o Templo de César Divinizado (Cunha, 2020, p. 125). Mary Beard (2017, 344-346), no livro *SPQR: uma história da Roma Antiga*, menciona que vários veteranos que haviam lutado sob o estandarte de Otávio e Agripa foram comemorados em seus epitáfios com o título *actiacus* ou “homem do Ácio”. Virgílio, no Livro VIII, 671-713, da *Eneida*, na passagem referente à écfrase do escudo de Eneias, descreve a Batalha do Ácio ao modo de uma titanomaquia ou gigantomaquia. Uma luta cósmica que envolvia não apenas as frotas rivais, mas igualmente as divindades romanas, em luta contra as divindades egípcias (Hardie, 1986, p. 120-157; Mota, 2015, p. 192-193).

Tendo em vista o contexto apresentado, o denário, emitido entre os anos 29 e 27 AEC, permite rememorar a *Coluna Rostrata*, erigida ainda durante o Segundo Triunvirato, porém, sob uma nova roupagem. Cabe lembrar que nenhum elemento iconográfico ou mensagem epigráfica, nesta moeda, vincula diretamente a representação do monumento, retratado no reverso, à vitória sobre Sexto Pompeu. Consonante à reticência de Augusto de evitar títulos e honrarias que não estivessem em acordo com o *mos maiorum*, o monumento consagrado no recinto do Fórum republicano dialoga com uma tradição de colunas rostrais (Caio Mênio e Caio Duílio) que recordavam triunfos navais de Roma. De acordo com Matthew Roller (2013, p. 122), no artigo intitulado *On the Intersignification of Monuments in Augustan Rome*, “esta coluna replicou a forma da coluna de Duílio, embora a ultrapassando em pelo menos um aspecto (a saber, o fato de ser dourada)”. Ainda segundo Roller (2013, p. 122), a Coluna Rostral de Otávio foi erguida na mesma área geral e deve ter estimulado os espectadores à comparação, assinalando que “o intuito deste monumento era que sua vitória igualasse ou superasse a de seu antecessor, em termos de valor exibido pelo vencedor e pelo serviço prestado à *Res Publica*”.

Um terceiro aspecto que merece destaque é a figura de Marco Vipsânio Agripa. Como argumenta James Tan (2019), o lugar-tenente de Otávio permite repartir os louros e amenizar as insinuações autocráticas: “quando adotou o nome Augusto [a partir de 27 AEC], ele compensou esse título de preeminência demonstrando simultaneamente sua igualdade com Agripa através de fasces compartilhados e magistraturas conjuntas” (Tan, 2019, p. 196). Agripa, neste sentido, funcionou para Augusto como um diluidor de honrarias e prerrogativas que pudessem soar ameaçadoras no contexto do Principado, uma vez que o *princeps* se projetava como um “defensor” contumaz dos valores republicanos.

A coluna rostral não foi a única condecoração naval recebida por Agripa. Considerando as cunhagens que vão do Principado de Augusto até o governo de Trajano, a coroa rostral se torna uma espécie de atributo vinculado à maioria das representações monetárias de Agripa (Souza; Mota, 2018, p. 106). Datado de 13 AEC, o áureo cunhado pelo moedeiro C. Sulpício Platorino chama a atenção pelo considerável refinamento técnico, principalmente no que diz respeito à fisionomia dos indivíduos retratados (RIC, *Augustus* 409/Figura 4). No anverso, aparece a efígie de Otávio portando a *corona ciuica* e a legenda CAESAR AVGVSTVS impressa no sentido horário. Já Agripa é apresentado, no reverso, portando uma combinação da *corona rostrata* com a *corona muralis*. Em sentido horário, a legenda M AGRIPPA PLATORINVS IIIVIR, "Marcos Agripa e [C. Sulpício] Platorino triúnviro [monetário]". Esse áureo, porém, não deve ser interpretado como um elemento isolado, já que Agripa é representado ao lado de Augusto em diversas emissões de 13 AEC, celebrando a renovação de sua autoridade tribunicia. No ornamento impresso no áureo é possível visualizar a miniaturização dos torreões das fortalezas das quais se projeta o *rostrum* de um navio. Essa condecoração naval, somada à coluna rostral mencionada por Sérvio, confere destaque político ao genro de Otávio e rememora sua importância militar nas campanhas contra Sexto Pompeu (36 AEC) e Antônio e Cleópatra (31 AEC).

Figura 4 - Áureo. RIC (second edition) 409. © The Trustees of the British Museum



Fonte: Sutherland (1984).

Considerações finais

As colunas honoríficas aqui analisadas exemplificam o complexo processo histórico pelo qual os romanos transformavam eventos fugazes em memória e poder político, instâncias estruturais ligadas à longa duração (Hölscher, 2006, p. 27). Colunas

como monumentos isolados não eram uma especificidade romana, visto que os gregos de várias partes do Mediterrâneo as utilizavam como marcadores tumulares ou como suporte privilegiado para oferendas votivas, depositadas em santuários. Buscou-se demonstrar que as colunas honoríficas cumpriam um propósito similar às colunas votivas gregas, pois os indivíduos revestidos de *honor* eram elevados acima das construções, conquistando, assim, uma posição de destaque no espaço público. Segundo a documentação historiográfica, esta prática aparece concomitante ao impulso romano para homenagear líderes republicanos, ainda em vida, por meio de marcos honoríficos e estátuas. Especialmente, a partir do séc. IV AEC, os espaços cívicos do Fórum foram caracterizados pela inserção de monumentos que simbolizavam a hegemonia romana, em um primeiro momento, sobre o Lácio e depois sobre o Mediterrâneo Ocidental. Ao ser homenageado pelo Senado e o povo de Roma, as colunas rostrais de Otávio [e Agripa] se vinculam a uma já consolidada tradição de triunfadores navais, como Mênio e Duílio, o que demonstra uma habilidosa apropriação da memória republicana.

Boa parte dos programas construtivos e das mensagens transmitidas por meio dos monumentos tinham como escopo a população que residia na capital ou poderia visitar Roma. No entanto, as moedas poderiam ampliar esta audiência do ponto de vista geográfico e sociopolítico (Gonçalves, 2002, p. 94-96; Rowan, 2019, p. 139). Do ponto de vista etimológico, a palavra *moneta* (subs. fem.) pertence ao mesmo campo semântico de *monumentum* (subs. n.), visto que os dois substantivos estão relacionados ao verbo latino *moneo*, que significa “anunciar”, “predizer”, mas também “fazer lembrar”, ou “instruir” (Faria, 1962, p. 619). Neste sentido, estes pequenos discos metálicos foram um importante instrumento de consolidação e propagação de ideias e imagens, sendo que a moeda, na Antiguidade, era compreendida como uma expressão e extensão da soberania política de seus emissores, fossem eles as cidades-estados, ou entidades como o Senado e os imperadores romanos. Considerando que as colunas honoríficas materializavam a memória de uma vitória no espaço público do Fórum, as moedas superavam a fixidez desses monumentos, alcançando um público muito além dos limites da vizinhança de Roma.

Referências

Documentação textual

APIANO. *Historia Romana: Guerras Civiles* (Libros III-V). Traducción por Antonio Sancho Royo. Madrid: Gredos, 1985. CICERO. *Pro Sestio. In Vatinius*. Translated by R. Gardner. London: Heinemann, 1958.

- CICERO. *The Verrine Orations*. Translated by L. H. G. Greenwood. Cambridge: Harvard University Press, 1928. v. I.
- ERODOTO. *Storie*. Traduzione di Augusta Izzo D'Accinni. Milano: BUR, 2008.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translated by W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1918.
- PLINIO. *Storia Naturale*. Traduzione e note di Antonio Corso, Rossana Mugellesi e Gianpiero Rosati. Torino: Einaudi, 1988. v. V.
- PLINY. *Natural History*. Translated by H. Rackham. London: William Heinemann, 1967.
- SERVIUS HONORATUS, M. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Edited by Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.
- TITO LÍVIO. *História de Roma: Ab Urbe Condita Libri*. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.
- TITO LIVIO. *Storia di Roma dalla sua Fondazione: Libri V-VII*. Traduzione di Claudio Moreschini. Milano: Fabbri, 2004. v. III.
- VIRGÍLIO. *Geórgicas*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Cotia: Ateliê, 2019.

Documentação epigráfica e monetária

- ALFÖLDY, G.; CALDELLI, M. L.; CHIOFFI, L. (et al.). *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Pars. VIII. Fasc. III. Inscriptiones urbis Romae Latinae. Titulos magistratuum populi Romani ordinum senatorii equestrisque thesauro schedarum imaginumque ampliato edidit. Berlin: De Gruyter, 2000. v. VI.
- CRAWFORD, M. *Roman Republican coinage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- MATTINGLY, H.; *Coins of the Roman Empire in the British Museum: Augustus to Vitellius*. London: British Museum, 1923. v. I.
- SUTHERLAND, C. H. V. *The Roman Imperial coinage*. London: Spink and Son Limited, 1984. v. 1.

Obras de apoio

- BARBOSA, G. O. A. Imagens em moedas e vida pública na Roma republicana, *Romanitas*, n. 13, p. 80–92, 2019.
- BEARD, M. *SPQR: uma História da Roma Antiga*. São Paulo: Planeta, 2017. BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. CORSO, A. Note. In: PLINIO. *Storia Naturale*. Traduzione e note di Antonio Corso, Rossana Mugellesi e Gianpiero Rosati. Torino: Einaudi, 1988. v. V.

- CUNHA, M. C. B. *Aspectos da arquitetura romana no governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos Templos de Apolo Palatino e de Marte Vingador* (séc. I a. C.). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Gomes de Souza, 1962.
- FLORENZANO, M. B. B. A origem das moedas. In: FLORENZANO, M. B. B.; VIANNA, S. T. W.; CASTRO, M. B. *Faces da moeda*. São Paulo: Olhares, 2009.
- FLOWER, H. *Ancestor masks and aristocratic power in Roman culture*. New York: Oxford University Press, 2001.
- GONÇALVES, A. T. M. *A construção da imagem imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GLARE, P. G. W.(ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press 1968.
- HARDIE, P. R. *Virgil's Cosmos and Imperium*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HERDT, G. *Votive Columns in Greek sanctuaries of the Archaic Period*. Thesis (Doctor of Philosophy) – Department of Architecture and Civil Engineering, University of Bath, Bath, 2013.
- HÖLSCHER, T. The transformation of victory into power: from event to structure. In: DILLON, S.; WELCH, K. E. (ed.). *Representations of war in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 27-48.
- HØJTE, J. M. *Roman imperial statue bases: from Augustus to Commodus*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005.
- KONDRATIEFF, E. The column and coinage of C. Duilius: innovations in iconography in large and small media in the Middle Republic. *Scripta Classica Israelica*, v. XXIII, p. 1-39, 2004.
- MADDEN, T. F. The Serpent Column of Delphi in Constantinople: placement, purposes, and mutilations. *Byzantine and Modern Greek Studies*, n. 16, p. 111-145, 1992.
- MCGOWAN, E. Tomb marker and turning post: Funerary Columns in the Archaic Period. *American Journal of Archaeology*, v. 99, n. 04, p. 615-632, 1995.
- MILELLA, M. Il Foro di Traiano. In: UNGARO, L. *Il Museo dei Fori Imperiali nei Mercato di Traiano*. Roma: Electa/Sovrintendenza ai Beni Culturali, 2007, p. 191-211.
- MOTA, T. E. A. *Deberi ad Sidera Tolli: as promessas de divinização na Eneida e a ancestralidade heróica dos Iulii*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

- PALOMBI, D. Columnae Rostratae Augusti. *Archeologia Classica*, Roma, v. XLV, n. 01, p. 321-332, 1993.
- PETSAS, F. M. *Delfos, sus monumentos y su museo*. Atenas: Krinis, 2004.
- ROLLER, M. On the intersignification of monuments in Augustan Rome. *American Journal of Philology*, v. 134, n. 1, p. 119-131, 2013.
- RICHARDSON, L. *A new topographical dictionary of Ancient Rome*. London: Johns Hopkins University Press, 1992.
- ROWAN, C. *From Caesar to Augustus (c. 49 BC - 14 AD): using coins as sources*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- SOUZA, M. M.; MOTA, T. E. A. M. A apropriação das tradições: elementos imagéticos e a reacomodação do sistema de valores honoríficos nos usos de coroas no Mundo Clássico. *Roda da Fortuna*, v. 07, n. 01, p. 83-115, 2018.
- STEPHENSON, P. *The Serpent Column: a cultural biography*. New York: Oxford University Press, 2016.
- TAN, J. How do you solve a problem like Marcus Agrippa? In: MORRELL, K.; OSGOOD, J.; WELCH, K. (ed.) *The alternative Augustan Age*. New York: Oxford University Press, 2019, p. 282-304.
- WILLIAMS, J. Religion and roman coins. In: RÜPKE, J. (ed.). *A companion to Roman religion*. London: Blackwell, 2007, p. 143-163.